

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LETÍCIA AURELIANO FERNANDES FERREIRA

**A REVELAÇÃO DO INCONSCIENTE ATRAVÉS DO SONHO: RESSONÂNCIAS  
DA CONCEPÇÃO FREUDIANA NOS DIAS ATUAIS**

JUAZEIRO DO NORTE – CE  
2021

LETÍCIA AURELIANO FERNANDES FERREIRA

**A REVELAÇÃO DO INCONSCIENTE ATRAVÉS DO SONHO: RESSONÂNCIAS  
DA CONCEPÇÃO FREUDIANA NOS DIAS ATUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

LETÍCIA AURELIANO FERNANDES FERREIRA

**A REVELAÇÃO DO INCONSCIENTE ATRAVÉS DO SONHO: RESSONÂNCIAS  
DA CONCEPÇÃO FREUDIANA NOS DIAS ATUAIS**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso de LETÍCIA AURELIANO FERNANDES FERREIRA.

**Orientador:** Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Data da Apresentação: 15/12/2021

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Prof. Me. Cícero Reginaldo Nascimento Santos/UNILEÃO

Membro: Me. Clauberson Sales Do Nascimento Rios/UNINASSAU

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2021

# A REVELAÇÃO DO INCONSCIENTE ATRAVÉS DO SONHO: RESSONÂNCIAS DA CONCEPÇÃO FREUDIANA NOS DIAS ATUAIS

Letícia Aureliano Fernandes Ferreira<sup>1</sup>  
Raul Max Lucas Da Costa<sup>2</sup>

## RESUMO

Os sonhos caracterizam-se como um dos maiores enigmas do universo da mente. São apreciados e investigados por filósofos, psicanalistas e interessados no tema desde os primórdios até a contemporaneidade, formando, ao longo do tempo, diversas hipóteses e teorias acerca destes fenômenos tão instigantes partícipes do cotidiano dos sujeitos. O objetivo deste artigo é apresentar como os sonhos são explicados a partir da concepção freudiana, bem como compreender como o inconsciente se expressa, analisar o processo de formação a que os sonhos são submetidos e avaliar como a concepção freudiana acerca do tema pode ser vista como atemporal. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e de objetivo explicativo. Verifica-se, a partir de acontecimentos relativos ao contexto atual e de produções desenvolvidas por autores contemporâneos, que os mesmos utilizam a teoria psicanalítica para subsidiarem suas pesquisas. Constata-se, portanto, que a teoria de Sigmund Freud acerca dos sonhos pode ser considerada como atemporal.

**Palavras-chave:** Sonhos. Inconsciente. Sigmund Freud. Psicanálise.

## ABSTRACT

Dreams are characterized as one of the greatest puzzles in the universe of the mind. They are appreciated and investigated by philosophers, psychoanalysts and those interested in the subject from the beginning to the present day, forming, over time, several hypotheses and theories about these phenomena thought-provoking that they participate in the daily lives of subjects. The aim of this article is to present how dreams are explained from the Freudian conception, as well as to understand how the unconscious expresses itself, to analyze the formation process to which dreams are submitted and to evaluate how the Freudian conception on the subject can be seen as timeless. It is a bibliographical research, with a qualitative approach and explanatory objective. It is verified, from events related to the current context and productions developed by contemporary authors, that they use psychoanalytic theory to support their research. It appears, therefore, that Sigmund Freud's theory about dreams can be considered timeless.

**Keywords:** Dreams. Unconscious. Sigmund Freud. Psychoanalysis.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de Psicologia da UNILEÃO. Email: leticiaaff9@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de Psicologia da UNILEÃO. Email: raulmax@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

O mistério que permeia o universo dos sonhos é uma das grandes questões que a sociedade tenta entender e decifrar. Isso se deve ao fato de grande parte da população considerar seus sonhos “estranhos”, improváveis e até mesmo impossíveis diante de determinado contexto. Na Antiguidade, egípcios e gregos analisavam o sonho sob a perspectiva divina, como transmissor de mensagens dos deuses e previsões para o futuro.

No Egito Antigo, o papiro de Chester Beatty ficou conhecido como o Livro dos Sonhos (SANTANA, 2005). O papiro continha uma lista de sonhos e suas interpretações eram feitas apenas por sacerdotes, que consideravam as mensagens interpretadas como uma forma de contato dos deuses. Na Grécia Antiga, os povos acreditavam que o sonho estava relacionado ao interior do indivíduo, podendo ser um retalho de alguma lembrança do dia ou uma revelação do estado do corpo.

Com o surgimento da psicanálise, e conseqüentemente o estudo aprofundado sobre o inconsciente, faz-se notória a forte relação entre esta área do saber e os sonhos, visto que conhecimentos riquíssimos foram descobertos e investigados com base no detalhado estudo de Sigmund Freud acerca dos processos oníricos. Dessa forma, o presente artigo buscará responder a pergunta: “Como os sonhos são compreendidos a partir da concepção freudiana?”. Um ponto de partida norteador na busca de resposta a essa questão poderia ser visto a partir do dito de Freud, onde o mesmo afirma que: “o sonho é a estrada real que conduz ao inconsciente” (FREUD, 1900/2019, p.662), sendo o conteúdo manifesto no sonho explicado no campo do inconsciente.

Perante o exposto, o objetivo geral deste artigo é apresentar como os sonhos são compreendidos a partir da concepção freudiana. Os objetivos específicos são: compreender como o inconsciente se expressa; analisar o processo de formação a que os sonhos são submetidos e avaliar como a concepção freudiana acerca do tema pode ser vista como atemporal.

A importância pessoal deste projeto dá-se a partir de um fascínio e busca constante por leituras sobre este tema ao longo de toda a graduação. Em relação à importância acadêmica, esta se daria baseada nos resultados positivos de intervenções em que o conteúdo dos sonhos é estudado e não deixado de lado no trabalho de análise, visto que, se os sonhos são calcados no inconsciente e este

carrega os traumas, bem como as resistências do sujeito, estudar estes processos oníricos será sempre de grande valia para se trabalhar com o inconsciente na clínica psicanalítica. No tocante à importância social, percebe-se a curiosidade da sociedade em atribuir significado a estes episódios recorrentes em suas vidas; algo que faz parte de nosso cotidiano, contudo, ao mesmo tempo parece tão distante e difícil de ser decifrado.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e de objetivo explicativo. Segundo Quivy (1992), a pesquisa bibliográfica consiste na coleta de dados preexistentes, de maneira que dados úteis sejam encontrados em outros documentos que sirvam para auxiliar o estudo do objeto em questão.

No tocante à abordagem, de acordo com Minayo e Sanches (1993), a abordagem qualitativa investiga subjetividade, valores e crenças, não sendo generalista, mas sim, voltada aos estudos da singularidade dos indivíduos, compreendendo os fenômenos através da análise de seus simbolismos e significados. Haja vista, tendo como base o conteúdo subjetivo deste artigo, nota-se a importância da pesquisa qualitativa, pois, quando pensamos em assuntos voltados à mente humana, não podemos somente nos deter a aspectos quantitativos (GONZAGA, 2011).

Por se tratar de um tema que visa aprofundar os conhecimentos acerca do inconsciente diante dos processos oníricos na concepção freudiana, pode-se dizer que a pesquisa de objetivo explicativo se adequa melhor, visto que esta, segundo Duarte (2019, p.2): “[...] identifica as variáveis que participam do processo, bem como a relação de dependência existente entre estas variáveis”.

## **2 O INCONSCIENTE**

A partir do dito de Freud, onde o mesmo afirma que “o sonho é a estrada real que conduz ao inconsciente” (FREUD, 1900/2019, p.662), pode-se tirar a conclusão de que o conteúdo manifesto no sonho tem sua explicação no campo do inconsciente.

Sigmund Freud (1856-1939) é considerado o pai da psicanálise, e rotulado por muitos da época como perverso por atrever-se a estudar e falar sobre assuntos até então polêmicos, como sexualidade infantil, prazer, fantasias e desejos. Tais

elementos foram estudados por Freud como sendo constituintes de uma instância, até então pouco explorada: o inconsciente.

Freud passou a perceber que o campo psíquico não era composto apenas pela consciência, mas sim, que havia algum outro lugar misterioso, que guardava os mais íntimos segredos dos sujeitos, sendo o inconsciente este lugar. Por conseguinte, Freud descobriu que o inconsciente configura-se como sendo um sistema psíquico dotado de atividade própria, com suas próprias leis.

Freud acreditava que a consciência deixava muitas lacunas na tentativa de explicar os sintomas traumáticos, e que: “[...] ocorrem atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova” (FREUD, 1915/1976, p.172).

De acordo com Cordeiro (2010), Freud sofreu grande resistência do movimento intelectual da época, visto que a sociedade era fortemente marcada pela visão racionalista do homem como sendo dominado pela razão. “Ele desaloja a consciência do lugar central, alterando assim o privilégio conferido aos pensamentos conscientes, demonstrando que os processos de pensamentos inconscientes se produzem à margem da consciência, mas dela independem” (BARATTO, 2009, p.75).

Em sua teoria do inconsciente, Freud não apresenta um sujeito da verdade, mas sim a verdade do sujeito. “Minha experiência tem me mostrado com frequência que as pessoas que contestam o inconsciente como algo absurdo ou impossível não tiraram suas impressões das fontes de onde brotou a necessidade de reconhecê-lo” (FREUD, 1905/2017, p.231). Freud ainda relata que estes críticos do inconsciente ficaram bastante surpresos quando se depararam com os exemplos extraídos das análises de neuróticos.

Freud também notou que, para estes sujeitos, a aceitação do funcionamento do inconsciente também era atrapalhada pelas resistências afetivas dos mesmos, ressaltando que “ninguém quer conhecer o seu inconsciente, quando o mais cômodo é simplesmente negar sua possibilidade” (FREUD, 1905/2017, p.232).

Com sua experiência na clínica, através dos relatos de seus pacientes e dos estudos com as mulheres ditas histéricas, Freud notou, inicialmente, que os sintomas somáticos dos indivíduos, na maioria das vezes, eram advindos de traumas vividos na infância, traumas estes de ordem sexual. Desse modo, a sexualidade passou a desempenhar um papel central no estudo da etiologia da

histeria e de todas as neuroses, principalmente devido à supervalorização da sexualidade no psíquico. Segundo Ferrão (2018, p.12), “a histeria seria, para Freud, produto de um trauma de origem sexual, vivido na tenra infância, construindo dessa maneira, a teoria da sedução que explicaria a origem do sintoma histérico”.

Haja vista, por esta perspectiva, a hipótese seria de que o paciente histérico teria sido seduzido na infância, passando por experiências sexuais que seriam recalçadas, sendo estas as constituintes do sintoma. Contudo, apenas posteriormente, “quando a criança já tivesse em um período de maior maturação sexual, que ela rememora o fato e passaria a vivenciar o desprazer, ao lembrar-se da cena primária em que foi objeto de satisfação de um adulto” (FERRÃO, 2018, p.13).

Com o passar do tempo e sua continuação aos trabalhos voltados à histeria, ao passo em que abandona a hipnose e adota o método da associação livre, Freud notou que muito do que os pacientes relatavam eram fantasias e representações construídas acerca do período infantil e não fatos realmente vividos. Foi constatando, assim, que muitos dos acontecimentos envolvendo a sexualidade e sedução, que as pacientes relatavam, não haviam ocorrido de verdade, mas eram fantasias criadas por elas, fantasias estas relacionadas diretamente a desejos. Assim, a teoria da sedução foi perdendo espaço diante da descoberta do fator da fantasia como grande causador da histeria.

Conforme Caropreso (2009), Freud abandona a hipótese de que a única fonte das neuroses seriam as experiências traumáticas reais, descobrindo que a gênese das neuroses também estava relacionada aos desejos.

Neste campo do inconsciente, formam-se os desejos, que em muitas vezes, não são apresentados de maneira clara e evidente para o sujeito, mas sim, através de lapsos, atos falhos, chistes, sintomas e sonhos. Justamente por serem delineados no inconsciente, os desejos podem não estar tão acessíveis, sendo por sua vez, ambíguos e obscuros.

Somente o desejo é capaz de colocar o aparelho psíquico em movimento; ele é tido como uma ideia, fantasia ou pensamento, sendo assim, algo totalmente distinto da necessidade e da exigência (GARCIA-ROZA, 2009). Dessa forma, Silva (2012, p.74) afirma que “os desejos, em nosso inconsciente, preparam-se para ser manifestos, contudo, a censura consciente não permite que eles sejam acessíveis e expressos”.



Isto posto, a teoria freudiana passa a ver o recalque dos desejos como gênese das neuroses, pois estes desejos entram em conflito com as exigências morais impostas pela cultura e sociedade. Estes desejos sendo recalcados tornam-se uma fonte de desprazer para o sujeito, já que o funcionamento do aparelho psíquico baseia-se na busca constante por satisfação.

Freud (1930/2010) afirma que é o Princípio do Prazer que estabelece a finalidade da vida, sendo que este princípio sempre dominou o desempenho do aparelho psíquico, contudo, está em desacordo com as regras impostas pela civilização.

Nosso sofrimento provém de três fontes: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade (FREUD, 1930/2010, p.44).

No tocante às duas primeiras, nosso julgamento não tem por que hesitar: ele nos obriga ao reconhecimento dessas fontes do sofrer e à rendição ao inevitável. Nunca dominaremos completamente a natureza, e nosso organismo, ele mesmo parte dessa natureza, será sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho. Temos outra atitude para com a terceira fonte de sofrimento, a social. Esta não queremos admitir, não podendo compreender por que as instituições por nós mesmos criadas não trariam bem-estar e proteção para todos nós. Contudo, se lembrarmos como fracassamos justamente nessa parte da prevenção ao sofrimento, nasce a suspeita de que aí se esconderia um quê da natureza indomável, desta vez da nossa própria constituição psíquica (FREUD, 1930/2010, p.44).

Em consonância a este dito de Freud, Nascimento (2019) afirma que o desenvolvimento da civilização e das forças produtivas não aliviou o homem de seu sofrimento, pelo contrário, o aumentou, fazendo assim, com que o sujeito pague um preço altíssimo por ter seus desejos barrados.

Por meio da coerção, proibição, privação e punição, a civilização impõe diversas barreiras à realização dos desejos pulsionais. Essas barreiras à realização dos desejos dizem algo a respeito do desejo. De onde surgem esses desejos que devem ser barrados para o “bom funcionamento” e “manutenção da moral e da civilização”? Quais consequências a civilização teria se esses desejos fossem realizados?

A partir destes questionamentos, tem-se a resposta de Freud (1930/2010, p.93): “A civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas”.

Haja vista, para Silva (2014), Freud sustenta que o nosso desligamento forçado de nossa própria natureza, que deu lugar à inscrição na ordem da cultura, fez com que pagássemos um preço muito alto. Dessa forma, Silva (2014) prossegue afirmando que os imperativos sociais fazem frente ao desejo do sujeito, restringindo as formas de gozo, estando esse processo assim na base de todo sofrimento humano; isto é, a condição humana nos é dada através dessa passagem crucial, natureza para cultura, o que produz efeitos irremediáveis em nosso psiquismo.

### **3 OS SONHOS: DA ANTIGUIDADE ATÉ SIGMUND FREUD**

“Sem supor o inconsciente no sentido acima exposto eu não saberia dar prosseguimento à teoria do sonho nem interpretar o material encontrado nas análises dos sonhos” (FREUD, 1905/ 2017, p.230). Os sonhos caracterizam-se como sendo um dos maiores enigmas do universo da mente. Imagens consideradas estranhas, acontecimentos surreais e pessoas desconhecidas fazem parte deste enigma que tanto instiga as pessoas há séculos.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1998), na Antiguidade, os egípcios atribuíam aos sonhos um valor premonitório, em que os deuses indicariam o caminho aos indivíduos, sendo os sacerdotes e onirólogos os intérpretes dos símbolos dos sonhos, através das chaves transmitidas nos templos. Para os gregos, Meneses (2000) afirma que os sonhos também eram significativos, considerados como dádivas.

No entanto, em seu livro “Oráculo da noite: a história e a ciência do sonho”, Ribeiro (2019) afirma que o filósofo ateniense Platão (c. 428-348 a.C.) concluiu não haver lugar na gestão do Estado para os sonhos e a loucura. A verdade viria apenas do exercício lógico do pensamento, sendo a verdade platônica um produto do rigoroso pensamento da vigília, e não das alucinações oníricas induzidas pelo sono (RIBEIRO, 2019).

O sonho representou um papel fundamental na gênese e no desenvolvimento do cristianismo, como poderoso instrumento de revelação dos propósitos divinos. Ribeiro (2019) ressalta a profunda influência que o teólogo e filósofo Santo Agostinho (354 - 430) teve na adoção do neoplatonismo pela Igreja, ao passo em que sua vasta obra abordou muitos temas psicológicos, como as origens das

memórias, sonhos, desejos, sofrimento e culpa. “Uma de suas preocupações foram os sonhos eróticos, que ele não conseguia evitar apesar – ou mais provavelmente por causa – do celibato e da repressão dos pensamentos sexuais durante a vigília” (RIBEIRO, 2019, p.96).

A solução de Santo Agostinho para o “problema” do erotismo onírico foi considerar o sonho não como uma ação humana sujeita à força da vontade, mas sim como um evento involuntário sobre o qual não cabe responsabilidade ou culpa, ou seja, sonhar com o pecado não seria, portanto, pecado (RIBEIRO, 2019). “No século XVI, a cristandade tinha a revelação onírica como fonte de blasfêmia e danação – na pior das hipóteses – ou irrelevância – na melhor delas” (RIBEIRO, 2019, p.102).

No decorrer do tempo, teorias científicas passaram a tentar explicar os sonhos, caracterizando-os como fenômenos da vida mental resultantes de um relaxamento das associações. Entre o logos grego e a razão iluminista transcorreu um longo período de transição em que a influência histórica dos sonhos variou bastante, enfrentando altos e baixos. “O descrédito dos sonhos se aprofundou no século XVIII, com o racionalismo que está na origem tanto da ciência quanto do capitalismo” (RIBEIRO, 2019, p.102). Os escritores médicos, principalmente, inclinavam-se a considerar a atividade psíquica dos sonhos como trivial e sem importância, enquanto os filósofos e psicanalistas acreditavam no valor psíquico dos sonhos.

Meneses (2000) relata que foi com a Psicanálise que o sonho assumiu sua posição privilegiada, encarado como algo de extremo valor. Para Freud (1900/2019), o sonho é um fenômeno psíquico de pleno valor, sendo este a realização de um desejo e construído por uma atividade mental altamente complexa.

“Nos sonhos, o indivíduo fica despudorado e destituído de qualquer sentimento ou julgamento moral, além de se ver entregue a atos com os quais ficaria horrorizado em associá-los quando acordado” (VOLKELT, 1875, p.23, apud FREUD, 1900/2019, p.105). Este debate acerca do valor moral ausente no sonho trouxe diversas discussões, ao passo em que respaldo para os estudos de Freud. Em sua obra acerca da interpretação dos sonhos, Freud traz as opiniões e argumentos de diversos autores sobre estes impulsos éticos contrastantes que se apresentam durante o sono.

Dando prosseguimento à ideia defendida por Volkelt, tem-se que o sonho se mostra particularmente desenfreado na questão sexual, bem como o próprio

sonhador se mostra imprudente ao extremo, perdendo qualquer sentimento e juízo moral (VOLKELT, 1875, apud FREUD, 1900/2019). Em concordância com a ideia, Freud (1900/2019) afirma que estes elementos destituídos de moral é que conduziam os devotos e santos de todas as épocas a se confessarem como míseros pecadores.

Outro autor citado é Maury (1878, apud FREUD, 1900/2019), defendendo a ideia de que são nossas inclinações que falamos e que nos fazem agir, e que, apesar de tentar lutar contra elas no estado de vigília, nos sonhos sempre sucumbimos a elas, agindo de acordo com nossos impulsos, sem medo e vergonha.

“No sonho, o homem se revela a si mesmo por inteiro em sua nudez e miséria inatas e que, ao suspender o exercício de sua vontade (nos sonhos), ele se transforma em brinquedo de todas as paixões das quais a consciência e o senso de honra nos defendem” (MAURY, 1878, p.165 apud FREUD, 1900/2019).

Freud também apresenta a ideia de Hildebrandt (1875, apud FREUD, 1900/2019), que afirma que, por vezes, o sonho nos permite vislumbrar profundezas e dobras de nosso ser que, no estado de vigília, permanecem inacessíveis para nós. Assim como também relata o argumento de Fichte (1864, apud FREUD, 1900/2019), que alega que o caráter dos nossos sonhos é um espelho muito mais fiel de nosso ânimo geral do que a nossa auto-observação durante a vigília.

Radestock (1879, apud FREUD, 1900/2019, p.100) também é citado ao ter exposta sua ideia: “Muitas vezes o sonho nos revela apenas aquilo que não queremos admitir e que, por isso, injustamente o consideramos mentiroso e impostor.”

Freud prossegue afirmando que a verdade está nos sonhos, visto que neles o sujeito aprende a se conhecer tal como é, sem todos os disfarces que usa perante a sociedade. Para Freud (1900/2019), o sonho revelaria, assim, a natureza verdadeira do ser humano, embora não toda a sua natureza, e seria um dos meios de tornar acessível ao nosso conhecimento o interior oculto da psique.

“O sonho é sempre um desejo, por mais irreconhecível que se tenha tornado” (FREUD, 1905/2017, p.256). Nos estudos dos sonhos, antes mesmo de Freud estruturar uma forma de funcionamento do desejo e um lugar de origem deste em nosso aparelho psíquico, ele teve a percepção de que o desejo que se realizava no sonho era produto de uma força impulsora, a ser suprida por um desejo, ou seja, o desejo está a serviço de algo que o precede (BEZERRA, 2012).

Freud (1900/2019) afirma que, muitas vezes, e sob as condições mais variadas, encontramos sonhos que só podem ser compreendidos como realizações de desejos e que apresentam seu conteúdo sem nenhum disfarce. São, na maioria das vezes, sonhos sucintos e simples, que se destacam agradavelmente das composições oníricas confusas e exuberantes que têm chamado a atenção dos autores. Creio que podemos esperar as formas mais simples de sonhos nas crianças, cujas produções psíquicas certamente são menos complicadas que as dos adultos.

Os sonhos das crianças pequenas são, frequentemente, simples realizações de desejos, e assim, ao contrário dos sonhos dos adultos, pouco interessantes. Não oferecem enigmas que precisam ser solucionados, mas são, naturalmente, inestimáveis para provar que o sonho significa, em seu ser mais íntimo, uma realização de desejo. “O sonho serve sobretudo para nos poupar do desprazer” (FREUD, 1905/2017, p.256).

Os desejos do nosso inconsciente preparam-se para ser manifestos, entretanto a censura não permite que eles sejam expressos. Não podemos desconsiderar que a atividade onírica pode provocar ansiedade no sonhador, pois nem sempre o sonho obtém sucesso completo na realização dos desejos, podendo haver uma insatisfação do sonhador, que muitas vezes não aproveita o prazer oferecido devido à repulsa e censura de seu inconsciente. Assim, questiona-se Garcia-Roza (2009) a esse aspecto:

[...] quando se afirma que o sonho é uma realização de desejos e que a realização de um desejo deve provocar prazer, não fica esclarecido o seguinte: a quem o sonho deve proporcionar prazer? A resposta óbvia e imediata é: ao sonhador. Ocorre, porém, que é o mesmo sonhador que deseja, repudia e censura seus desejos (GARCIA-ROZA, 2009).

Contudo, os sonhos desagradáveis também são realizações de desejos. Freud revela que esse sentimento de desprazer que retorna no sonho não exclui a existência de um desejo; pois existem, em cada ser humano, desejos que ele prefere não comunicar a outros e desejos que ele próprio não quer admitir (FREUD, 1900/2019).

O desejo do sonhador de punir a si mesmo por ter um pensamento proibido também relaciona-se ao que Freud (1900/2019) chamou de sonhos de contradesejo, e que, a força motriz deste contradesejo seria o desejo que o sujeito tem de estar errado. Ele prossegue explicando que a constituição sexual de muitos seres

humanos traz um componente masoquista que se desenvolve por meio da conversão do componente agressivo e sádico em seu contrário, ou seja, os chamados masoquistas “ideais”, que procuram o prazer não na dor física imposta a eles, mas na humilhação e tortura psíquica (FREUD, 1900/2019).

Sendo assim, mesmo os sonhos de contradesejo e desprazer são realizações de desejos para estas pessoas, isto é, a satisfação de suas tendências masoquistas. A razão disso reside no fato de o sonho ser sempre uma forma disfarçada de realização dos desejos e que nessa medida incide sobre ele uma censura cujo efeito é a deformação onírica. O sonho que recordamos e relatamos já fora submetido a uma deformação cujo objetivo é proteger o sujeito do caráter ameaçador de seus desejos. Dessa forma, Freud (1900/2019, p.175) revela que: “Quando a realização de desejos é irreconhecível e disfarçada, deve existir uma tendência à defesa contra esse desejo e, devido a essa defesa, o desejo não consegue se expressar senão como deformação.”

“O sonho recordado é, pois, um substituto deformado de outra coisa, de um conteúdo inconsciente, ao qual se pretende chegar através da interpretação” (Garcia-Roza, 2009, p. 63). Ou seja, sempre haverá dois componentes básicos intrínsecos na interpretação do sonho: o conteúdo manifesto do sonho e os pensamentos oníricos latentes. O material do primeiro corresponde ao sonho lembrado e relatado pelo sonhador. Já o material do segundo trata do oculto e inconsciente do sonho, que se pretendem atingir através da interpretação (SILVA, 2012).

Haja vista, Freud apresenta este respaldo em defesa de ataques que trazem os sonhos de angústia inviabilizando a ideia de sonhos como realizações de desejos: “basta observar que nossa teoria não se baseia na apreciação do conteúdo onírico manifesto; mas sim, diz respeito ao conteúdo de pensamento que descobrimos por trás do sonho, mediante o trabalho interpretativo” (FREUD, 1900/2019, p.168). Sendo assim, Freud prossegue defendendo a possibilidade de que, após a interpretação, os sonhos penosos e de angústia também se revelem como realizações de desejos.

Freud (1900/2019, p.195) estabelece uma relação entre o caráter de desprazer de alguns sonhos e a deformação onírica:

[...] esses sonhos de desprazer são tão deformados e a realização do desejo se disfarça neles a ponto de ficar irreconhecível justamente porque existe uma aversão, uma intenção de reprimir o tema do sonho ou o desejo

extraído dele. A deformação do sonho se revela, portanto, como um ato de censura realmente (FREUD, 1900/2019, p. 195).

Esta deformação onírica compõe o chamado trabalho do sonho, que possui como processos principais a condensação e o deslocamento. Para Freud (1900/2019, p.350), “a condensação e o deslocamento do sonho são os dois mestres artesãos a cuja atividade podemos atribuir essencialmente a forma do sonho.”

Relacionando o desequilíbrio entre o conteúdo manifesto do sonho e os pensamentos oníricos latentes percebe-se que fora realizado um magnífico trabalho de condensação (FREUD, 1900/2019). Segundo Fonseca e Pinheiro (2017), a condensação se manifesta quando uma representação única funciona como ponto comum a diversas cadeias associativas de representações, indicando que cada elemento do conteúdo manifesto depende de várias causas latentes, e que, no sonho, um “significante” pode significar várias coisas, como a exemplo de uma pessoa coletiva que reúne traços de diferentes pessoas ou reforça traços comuns, isto é, quando características de várias pessoas do conteúdo latente aparecem no conteúdo manifesto como uma única pessoa.

Um exemplo de como a condensação pode ser percebida no sonho, ou seja, quando esta se torna mais evidente, seria quando esta “escolhe” palavras e nomes como seus objetos, sendo que muitas vezes as palavras são utilizadas como coisas no sonho e submetidas às mesmas combinações que as representações das coisas, fazendo com que o sonho traga assim criações improváveis e divertidas de palavras (FREUD, 1900/2019).

Logo, Freud pressupõe que, mesmo por meio de uma representação repleta de associações, o trabalho de condensação não seria uma tradução fiel nem apresentação de ponto por ponto dos pensamentos oníricos latentes, sendo ainda bem lacunar no tocante a eles.

Outro processo central na formação dos sonhos é o deslocamento. De acordo com Magalhães (2015), o deslocamento está totalmente ligado à censura, que por sua vez comanda a escolha de elementos paliativos destinados a substituir outros potencialmente conflitantes. Isto é, devido à ação do deslocamento, o trabalho do sonho substitui os pensamentos mais significativos por pensamentos acessórios, de um modo que o conteúdo importante (latente) do sonho é desfocado, dissimulando assim a realização do desejo. Segundo Roudinesco (1997, p.148), “o deslocamento

age por meio de um deslizamento associativo que transforma elementos primordiais de um conteúdo latente em detalhes secundários de um conteúdo manifesto”.

O elemento altamente significativo trazido pelo sonho pode ser substituído por uma impressão oposta, como a indiferença, já que no deslocamento o inconsciente está investido de uma carga afetiva que é deslocada de seu objeto verdadeiro para um elemento substitutivo no sonho (MAGALHÃES, 2015).

"A pressão da censura resulta num deslocamento de uma associação normal e séria para uma associação superficial e aparentemente absurda" (DURÃES, 1999, p.176). Freud complementa afirmando que: “sempre que um elemento psíquico é vinculado a outro por meio de uma associação superficial e chocante, há também uma ligação correta e mais profunda entre os dois, que está sujeita à resistência da censura” (FREUD, 1900/2019, p.580).

Uma questão trazida por Freud que, em um primeiro momento, poderia dificultar todo este trabalho de interpretação refere-se ao esquecimento dos sonhos por parte do sonhador. O conteúdo manifesto (contado e recordado) pelo sujeito que sonha não consegue contemplar realmente tudo o que fora sonhado, já que, como afirmou Freud, nossa memória é infiel nesse sentido. “Aquilo que lembramos do sonho, e no qual exercitamos nossas artes de interpretação, é mutilado pela infidelidade da nossa memória, que parece extremamente incapaz de guardar o sonho, e talvez tenha perdido as partes mais significativas do seu conteúdo” (FREUD, 1900/2019, p.561).

Freud prossegue afirmando também que além de nossa lembrança do sonho apresentar lacunas, ela também pode reproduzir o sonho de maneira adulterada, bem como a questão do sonho não ser tão coerente como o relatado pelo sonhador, já que o sujeito pode “criar” e relatar um novo material, na tentativa de preencher as lacunas deixadas pela memória.

Acerca desta lacuna na memória do sonho, Freud (1900/2019) afirma que a resistência é o principal agente desse esquecimento e que além de ter trabalhado já durante o sono fazendo tudo o que podia contra os pensamentos oníricos latentes, a resistência também se apresenta na evidente intenção que a vida de vigília demonstra em esquecer o sonho formado durante a noite.



#### **4 O TRABALHO COM SONHOS NA PSICANÁLISE FREUDIANA E SUAS ATUAIS IMPLICAÇÕES**

“Onde quer que um homem sonhe, profetize ou poetize, outro se ergue para interpretar” (RICOEUR, 1977, p.26). É sabido que a Psicanálise tem como método a interpretação, baseada na atenção flutuante do analista durante a associação livre do analisante. Dessa forma, os sonhos também são elementos que devem ser interpretados em um processo analítico.

Segundo Herrmann (1989, p.17), “as teorias psicanalíticas possuem sempre o sentido de derivação da sua origem interpretativa; isto é, não podem afirmar com legitimidade senão pela via do interpretável”. O autor prossegue relatando que uma teoria psicanalítica trabalha para nortear interpretações, valer como “interpretante”, sendo um eixo de conexão entre as palavras do paciente e as palavras da interpretação (HERRMANN, 1989).

De acordo com Taffarel (2005), quando Freud descobre a resistência e infere a repressão, ele passa a considerar o método psicanalítico como interpretativo, ou seja, “(...) se há uma força inconsciente impedindo a rememoração, a reconstrução da lacuna de sentido só pode se dar pela busca e explicitação dos ‘motivos inconscientes’ ” (TAFFAREL, 2005, p.5). A escritora também ressalta que Freud segue com o ditame da hermenêutica, onde: “devemos interpretar onde há falha de sentido” (TAFFAREL, 2005, p. 5).

Logo, as teorias psicanalíticas são interpretativas no duplo sentido: por serem originadas na interpretação e também por estarem a serviço da interpretação. Logo, a partir destas teorias, tem-se como decorrência imediata a relação de dependência do método psicanalítico com o método interpretativo (HERRMANN, 1989).

Como supracitado, dentre os elementos fundamentais que devem ser interpretados no processo analítico, têm-se os sonhos. Em relação a esta importância atribuída aos sonhos em análise, Freud (1900/2019, p.15) relata que: “quem não souber explicar a origem das imagens do sonho se esforçará em vão para entender as fobias, as ideias obsessivas e delirantes e, eventualmente, exercer uma influência terapêutica sobre elas”.

As imagens do sonho, seu relato e a subsequente interpretação em análise, permitiriam uma abordagem do real, de modo a colocar em palavras aquilo que

permaneceu fora da simbolização, embora tenha um registro psíquico pela via da figura (BERNARDINO, 2011).

“O caminho da associação leva de um elemento do sonho para vários pensamentos oníricos; e de um pensamento onírico para vários elementos do sonho” (FREUD, 1900/2019, p.325). Toda análise poderia comprovar com exemplos como justamente os detalhes mais insignificantes do sonho são indispensáveis para a interpretação e como a solução é adiada quando nossa atenção demora a se voltar para eles, já que interpretando os sonhos, também demos importância a cada nuance da linguagem em que o sonho foi apresentado (FREUD, 1900/2019, p.563).

De acordo com Bernardino (2011), o trabalho de análise do sonho consiste em um processo de transcrição entre registros psíquicos (inconsciente para consciente); isto é, o deciframento deste enigma deve consistir na busca de laços simbólicos, transformando imagens em palavras, escapando assim da fascinação do valor da imagem. Barros (2004) reforça que a intervenção do analista é necessária para transformar a linguagem descritiva do relato em linguagem verbal da explicitação do significado.

O sonho é uma produção do sujeito que relata fatores importantíssimos sobre sua história, suas fantasias, sofrimentos, angústias e desejos. Conforme Santana (2005, p.32), “o sonho tem uma grande importância para o processo analítico, inclusive, para redirecionar os objetivos do processo e perceber qual a temática deve ser trabalhada e caminhos a serem seguidos”.

Vale ressaltar a defesa desta teoria da interpretação dos sonhos como sendo de caráter atemporal, ou seja, a concepção freudiana, bem como seu método interpretativo, ainda hoje explicam as influências exercidas na formação dos pensamentos oníricos, a exemplo do contexto vivenciado no mundo inteiro devido à pandemia de COVID-19.

Acerca da pertinência destes assuntos sob a ótica freudiana, Gondim e Senkiv (2020) explanam a ideia de Freud (1921/2011) sobre pulsão de vida e pulsão de morte, ressaltando essa relação de amor e ódio sobre si e sobre o outro, ao passo em que, partindo desta premissa, é possível observar no momento de pandemia, um desmerecimento do outro; sendo este momento uma guerra declarada entre saúde e capitalismo, bem como um momento que o capitalismo não consegue imperar, visto que o dinheiro perde seu valor e as pessoas “retornam” às suas condições de simples iguais, onde todos, independente de cor, gênero, riqueza/pobreza sofreram a ameaça

de ter sua saúde em risco. Segundo Kallas (2020), durante a pandemia, “despimo-nos de nossas certezas narcísicas e estamos à mercê da morte, que iguala todos”.

Percebemos, então, a presença da angústia do real e sua consequência: o efeito traumático (Birman, 2014). Neste caso, a subjetividade fica ante algo que a ultrapassa, do qual não consegue dar conta e “o sujeito é invadido por uma quantidade de energia que rompe as barreiras de proteção psíquicas, intensidades essas que não serão transcritas para a ordem psíquica da representação” (KALLAS, 2020). Assim, cabe ao psicanalista proporcionar o espaço para esse escoamento e para a possibilidade de elaboração.

Kallas (2020) prossegue afirmando que, para a psicanálise, indivíduo e sociedade estão intimamente imbricados, sendo que as questões sociais e os impasses históricos não se encerram na esfera pública, e sim, se estendem ao íntimo do sujeito e ali se prolongam; como visto, o inconsciente não é individual, ele abarca o social e a cultura, inclusive nos nossos sonhos. “A pandemia faz uma convocação ao traumático, que se manifesta nos sonhos” (KALLAS, 2020).

Com base nos relatos e reportagens de que as pessoas estariam com a sensação de que estavam “sonhando mais”, diversas pesquisas foram desenvolvidas acerca do assunto. É sabido que os sujeitos sempre sonham e o fato de não se lembrarem de todos os sonhos faz com que acreditem que não sonhavam tanto antes e que a frequência aumentou durante a pandemia. Sobre esta questão, o psicanalista e doutor em psicanálise José Alberto Zusman (2020) relata que quando o sujeito está mais angustiado e dorme, os sonhos tendem a ficar mais superficiais porque dormimos em estado de alerta e, por isso, apresentamos mais facilidade de lembrar dos sonhos.

No tocante aos sonhos “mais fáceis e claros” de se notar a realização de desejos, Zusman (2020) declarou:

A quarentena parou o nosso mundo. Estamos nos movimentando menos fisicamente. Isso quer dizer que grande parte da produção da nossa mente passou a ganhar mais espaço na vida dos sonhos. Neles, a gente pode estar perto das pessoas, abraçá-las, ignorar isso que internamente a gente não aceita, que é ficar distante das pessoas que amamos. O que é proibido nas circunstâncias da vigília é liberado no sonho (ZUSMAN, 2020, p.2).

Zusman (2020) prossegue apresentando o sonho também como uma maneira de o sujeito descarregar, elaborar as angústias que sente pela pandemia, isto é, o sonho permite essa maneira de tentar elaborar a vida dentro de nós, maneira esta que se acentua em períodos de angústia e imobilidade. Dessa forma, Zusman

(2020, p.2) afirma que: “se o sujeito está dormindo e o sonho não está sendo capaz de elaborar sua angústia, ele acorda e chama isto de pesadelo”.

Para Freud (1900/2019, p.633), “quando a tentativa de realização do desejo agita de tal forma o pré-consciente que este não pode mais manter sua tranquilidade, o sonho rompeu o compromisso; sendo imediatamente interrompido e substituído pelo despertar pleno”.

Uma das pesquisas acerca do conteúdo dos sonhos durante a pandemia de COVID-19 foi desenvolvida pela psicóloga Deirdre Barrett, que realizou comparações baseadas na coleta de relatos dos sonhos no início da pandemia e um tempo depois já com o avanço da vacinação. Considerando os relatos mais frequentes dentre 76 países, Barrett (2021) relatou que na Itália, onde o vírus chegou com muita força logo no início da pandemia, os profissionais de saúde estavam tendo sonhos pós-traumáticos clássicos em que alguém morria na frente deles e pensavam que era sua responsabilidade salvá-los, mas não podiam.

Por outro lado, Barrett (2021) alegou uma mudança no conteúdo dos sonhos desde que as vacinações começaram, bem como quando os estados e comunidades locais começaram a reabrir. Os sonhos positivos começaram a aumentar a partir de dezembro de 2020, quando as vacinas foram anunciadas como eficazes e aprovadas para uso emergencial (BARRETT, 2021).

Por volta do último trimestre de 2020, ao invés de medo e contágio serem o problema quando o sonhador percebesse que não estava usando máscara, os sentimentos de vergonha e constrangimento social “voltaram a ganhar destaque”, ao passo em que demonstrava-os ao relatar a pergunta: “O que as pessoas vão pensar de mim se eu não estiver usando uma máscara?”; sendo isto tido como uma metáfora do sonho mais tradicional de vergonha social, a exemplo do sonho de quando as pessoas estão em um lugar público e de repente percebem que esqueceram suas roupas, remetendo à noção de que esses sonhos com máscaras substituíram temporariamente o sonho “nu em público” que muitas pessoas têm (BARRETT, 2021).

De acordo com Freud (1900/2019, p.281), é interesse da psicanálise quando: “o sonho de nudez é vinculado à vergonha e ao embaraço, quando o sonhador deseja fugir ou se esconder e é tomado pela peculiar inibição de não conseguir sair do lugar, sentindo-se incapaz de alterar a situação penosa”. Novamente retratando o conflito entre desejo e censura, Freud (1900/2019, p.285) afirma que: “no sonho,

esta exibição do corpo nu serve perfeitamente para representar o conflito da vontade, o não; segundo a intenção inconsciente, a exibição deve ser continuada, já segundo a exigência da censura, deve ser interrompida”.

Relacionando essas constatações com o sofrimento advindo das regras impostas pela civilização, Freud (1900/2019) menciona que no paraíso, as pessoas estão nuas e não sentem vergonha umas das outras até o momento em que ocorre a expulsão e se iniciam a vida sexual e o trabalho de civilização, gerando a vergonha e o medo. Para Porchat (2005, p.25), “a fantasia, ou melhor, a fantasmática de um sujeito seria responsável pelos sonhos”, visto que o fantasma caracteriza-se como uma defesa contra o real. Dessa forma, Freud (1900/2019) acredita ser possível que o sonho nos devolva ao paraíso todas as noites.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do tempo, diversas foram as representações construídas acerca dos sonhos na tentativa de compreendê-los. Decifrar estes enigmas constituiu-se como objetivo de muitos filósofos, bem como obteve desprezo de outros, que alegavam viver em um Estado sem lugar para o lado irracional, “louco” do homem. Nota-se que o percurso destas representações e busca por respostas, desde as concepções tidas na Antiguidade até a concepção freudiana estudada no presente artigo, passou por inúmeras oscilações no tocante aos graus de interesse e valorização.

Através da Psicanálise, Sigmund Freud concedeu aos estudiosos e interessados no tema um outro olhar para os sonhos. Não é por acaso que o marco inicial da psicanálise, isto é, sua “fundação original” veio com a publicação do livro “A interpretação dos sonhos”.

Em pleno século XX, onde a maior parte dos estudiosos considerava o homem como detentor do controle e da razão, se propor a falar dos desejos que habitam o inconsciente humano, bem como suas naturezas e outros tipos de fantasias sexuais, exige coragem, e Freud provou que teve. Ser criticado e ter seus livros queimados só constatam a inexistência de espaço para se tratar de assuntos até então evitados pela “sociedade moralista”; assuntos estes que, provavelmente por serem evitados, causaram e ainda causam boa parte dos adoecimentos psíquicos nos sujeitos.

Desta forma, devido ao processo civilizatório, os desejos e fantasias reprimidos, precisam, de alguma maneira, terem voz, serem ouvidos, revelados para o sujeito. Uma das maneiras que o inconsciente encontra para expressar estes desejos é através dos sonhos, que, por possuírem um teor altamente “agressivo” para a censura existente, passam por deformações oníricas que são capazes de esconder os reais significados de tudo que sonhamos durante a noite.

Apesar das polêmicas geradas e das críticas sofridas, Freud continuou seus estudos a partir da escuta de seus pacientes e, através do método interpretativo, pôde nos deixar um vasto legado de sua teoria, construída a partir da prática clínica. Sendo assim, conclui-se que sua larga obra proporcionou e continua proporcionando subsídio para a atuação de psicanalistas e estudiosos dos processos oníricos nos dias atuais, comprovando a ideia de que sua concepção é atemporal, visto que inúmeros autores contemporâneos desenvolvem suas produções com o respaldo no pai da Psicanálise.

## REFERÊNCIAS

BARATTO, G. *A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração*. Psicologia, Ciência e Profissão, v.29. 2009.

BARRETT, D. *Saiba como os sonhos têm sido influenciados pela pandemia de Covid-19*. CNN Brasil. 2021.

BARROS, E. M. R. *Ensaio sobre o sonhar: elaboração psíquica e elaboração*. Livro Anual de Psicanálise, v.18. São Paulo: Escuta, 2004.

BERNARDINO, L. M. F. *O trabalho com sonhos na clínica das psicoses não decididas da infância*. Estilos da Clínica, v.16. 2011.

BEZERRA, A. P. *O discurso do desejo na psicanálise freudiana*. Monografia (Graduação em Psicologia). Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2012.

BIRMAN, J. *Caos e trauma no mundo contemporâneo*. Palestra Café Filosófico, 04 out. 2014.

CAROPRESO, F. *Inconsciente, cérebro e consciência: reflexão sobre os fundamentos da metapsicologia freudiana*. Scielo Brasil, v.7, n.2, 2009.

CHEVALIER, J. ; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*.12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CORDEIRO, E.F. *O inconsciente em Sigmund Freud*. O Portal dos Psicólogos. 2010.

DUARTE, V. M. N. *Pesquisas: Exploratória, Descritiva e Explicativa*. Portal Monografias. 2019.

DURÃES, F. *A questão do determinismo na interpretação dos sonhos (die traumdeutung) de Freud*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1999.

FERRÃO, C. S. *O conceito de fantasia em Freud: do abandono da teoria de sedução às construções em análise*. Dissertação de Mestrado. Setor de Ciências Humanas. Curitiba, 2018.

FONSECA, M. C.; PINHEIRO, C. C. O. *Memória, condensação e deslocamento nos processos primários do inconsciente do sonhador*. Estudos da Língua(gem), v.15, n.1. Vitória da Conquista, 2017.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos (1900)*. Obras Completas, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, S. *O chiste e sua relação com o inconsciente (1905)*. Obras Completas, v. 7. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Freud, S. *O inconsciente (1915)*. In: *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (v.14)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do Eu (1921)*. Obras Completas, v.15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930)*. Obras Completas, volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 24.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GONDIM, D. ; SENKIV, C. C. C. *O pensar, o sentir e o fazer de Freud ontem e na pandemia de hoje*. Cadernos de Psicologias, n.1. 2020.

GONZAGA, A. M. *Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

HERRMANN, F. *Interpretação: a invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas*. In: S. A. Figueira (Org.), *Interpretação: sobre o método da psicanálise* (p. 13-33). São Paulo: Imago, 1989.

KALLAS, M. B. L. M. *Psicanálise, sonhos e luto na pandemia*. Revista Reverso, v.42, n.80. Belo Horizonte, 2020.

MAGALHÃES, S. *O inconsciente estruturado como uma linguagem*. Associação Matogrossense de Psicanálise. 2015.

MENESES, A. B. *O sonho e a literatura: mundo grego*. Psicologia USP, v.11, n.2. 2000.

MINAYO, M. C. ; SANCHES, O. *Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?*. Caderno de Saúde Pública, v.9, n.3. 1993.

NASCIMENTO, M. A. *Filosofia em atos e as contribuições da teoria crítica para a fundamentação de um currículo emancipatório*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2019.

PORCHAT, P. *Freud e o teste de realidade*. São Paulo: Casa do psicólogo/FAPESP, 2005.

QUIVY, R. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 1992.

RIBEIRO, S. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROUDINESCO, E. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SANTANA, H. D. *A compreensão do sonho no processo terapêutico*. Faculdade de Ciências da Saúde. Brasília, 2005.

SILVA, G. R. *O sonho e a psicanálise freudiana*. Revista Facos/Cnec, v.9, n.1. 2012.

SILVA, A. R. M. *Psicanálise e Cultura*. Portal Educação. 2014.

TAFFAREL, M. *O método psicanalítico: sua identificação na história da psicanálise e sua relação com o método nas ciências*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

ZUSMAN, J. A. *Psicanalista explica os sonhos estranhos em tempos de pandemia*. Portal Cidade Coronavírus - Veja Rio. 2020.